

HÁ CEM ANOS UM ANJO MANDOU O POETA DESAFINAR

Cláudio de La Rocque Leal



HÁ CEM ANOS UM ANJO MANDOU O POETA DESAFINAR

Cláudio de La Rocque Leal¹

O primeiro livro do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade chegou ao público ao final da década de 1920 – para ser exato, no ano de 1930. Drummond denominou-o de “Alguma Poesia” e reuniu nele a produção havida entre 1925 e o ano do lançamento. Em um raio de quatro anos o poeta ganhou antologia, “Poesias”, editada pela José Olympio (Livraria e Editora) e dezoito anos após o primeiro livro, outra antologia pela mesma editora, “Poesia até Agora” (1948), com capa mais do que despojada do grande Santa Rosa, o que já era reflexo da estética vigente na terceira geração dos modernos brasileiros. Especialmente em um país como o Brasil, desde àquela época pouco efeito ao prazer da leitura da poesia, as antologias comprovavam que a grande maioria encontrava-se ciente de que aquele homem franzino, com leve ar de Fernando Pessoa, chegava com algo novo, para ser algo diferente, como ele mesmo disse nos versos do primeiro poema de “Alguma Poesia”, um gauche na vida, posto que ouvira de um anjo ao nascer. E gauche, que para o “Aurélio” significa acanhado, inépto; esquerdo (por advir do francês), nada mais é que ser destoante, bizarro, desafinado dos demais.

Passados cem anos de seu nascimento, comemorado no 31 próximo passado, dessas antologias, o primeiro brado do que era poesia diferente e diferenciada da calmaria e estagnação que há

¹ Jornalista e Escritor



muito habitava nossos "líricos", um curto poema denominado "Mãos Dadas" se mantém ainda hoje absolutamente atual, e foi publicado pela vez primeira em "Sentimento do Mundo", lançado originalmente em 1940, abarcando a produção de 1935 a 1941. Como pode? Há uma controvérsia? Nas edições originais de 1942 e 48 das citadas primeira e segunda antologias, na folha de abertura do "Sentimento do Mundo", encontra-se claro que reúne poemas do primeiro período citado, enquanto na edição da José Aguilar Editora, o livro em questão tem seu lançamento datado como no ano de 1940 (Ed. José Aguilar; terceira edição revista e mo-dificada, 1973; págs. 99 & 1269, esta referente à Bibliografia; I. Obras do Autor; A. Em Língua Portuguesa).

Isso pode não passar de mera curiosidade, é certo. No entanto, tratando-se de produção poética um ano pode significar uma eternidade, especialmente no caso de poetas de razão cética, como o é Carlos Drummond de Andrade que, seguindo a ratificando a cada livro, a cada poema, a cada verso, o que escreveu em "Mão Dadas", não fez poesia barata, simplória, sentimentalóide e lírico-amorosa de modo a perpetuar ainda mais o que há tanto já havia sido explorado a duros golpes de martelo. Em análise fria e desprovida de qualquer sentimento, entende-se que essa contínua ratificação dos versos de "Mãos Dadas" sofre ruptura quando dos últimos e mais fracos trabalhos do poeta, quando da posse *massmídia* sobre sua obra gerando a supervalorização de seu trabalho. Chegando mesmo à música popular brasileira, como é célebre o caso da gravação que o cantor e compositor Paulo Diniz fez do poema "José", em pleno anos de ditadura militar no Brasil, desvirtuando a intenção básica, a verdadeira gênese do poema de Drummond que, lançado na primeira das citadas antologias, portanto em 1942, só corrobora com o movimento artístico nacional daquela época que visava um nacionalismo deturpado e acabou influenciando e comprometendo a obra de Cândido Portinari. Paulo Diniz empresta outra conotação, que não a original, ao poema de Drummond. Vale frisar que Ernst Mahle, na década de 1950, já utilizara o mesmo poema, sob o título "E agora, José?", bem como Villa-Lobos transformando os versos em música para canto masculino à capela.

No entanto, como diz um verso de outra canção popular, "O que o Tempo diz, Vento não desfaz, Nem a língua de quem fala demais". Hoje ninguém mais fala da canção de Paulo Diniz, poucos lembram das intervenções de Villa-Lobos e Mahle, e o poema de Drummond permaneceu intacto com a co-loração por ele desejada, típica da geração moderna a qual pertenceu. Aliás, aqui cabe uma comparação. Drummond, na poesia, assemelha-



se muito a Oswald Goeldi na gravura. Ambos tocaram o regionalismo mas, o eram essencialmente introspectivos, portanto humanos, essencialmente humanos. Enquanto Goeldi adotou a exuberância da Amazônia por questões geográficas, já que morou um tempo no Pará e ilustrou a obra máxima de Raul Bopp, "Cobra Norato", em 1934, Drummond adotou a aridez do nordeste, distante do sua verde-esmeralda Minas Gerais, exatamente pela política que a arte dos anos 40 assumiu no Brasil, fruto do prematuro Estado Novo de Getúlio Vargas. Contudo, não é no amazonismo que a obra de Goeldi atinge o ápice e sim na série introspectiva dos subúrbios cariocas (urbano, portanto, e essencialmente expressionista), assim como é no interior do homem que a criação de Drummond, no subúrbio da alma, cresce, explode, eclode e fertiliza a todos os que amam a verdadeira poesia.

Voltando ao "Mãos Dadas", nele se lê: "Não serei o poeta de um mundo caduco./Também não cantarei o mundo futuro./Estou preso à vida e olho meus companheiros/Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças./Entre eles, considero a enorme realidade/O presente é tão grande, não nos afastemos./Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas./Não serei o cantor de uma mulher de uma história,/não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,/não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,/não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins./O Tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente". Destarte do caráter existencialista que se possa depreender do poema, sua principal característica é negar o "romantismo" exacerbado da produção poética de sempre no Brasil, algo entre o adocicado acadêmico e o pieguismo barato das frustadas tentativas de rompimento com a cultura européia, em grande profusão ao início dos anos 1920. Diga-se de passagem que duas grandes exceções encontram-se para todo o sempre registradas: Anita Malfatti, na pintura, e Manuel Bandeira, na poesia.

Drummond vai verso a verso condenando o sentimento vulgar, medíocre, que banaliza tanto e todos; nada de suicídio, nada de "temperamento de artista", nada de afastar-se do presente, nada de distanciar-se da realidade – qual bailarinos clássicos alçando vôos em suas sapatilhas acetinadas –, nada de ser cantor de uma mulher, de suspiros ao anoitecer enfim, nada de simbolismo, de parnasianismo, de modernismo, de romantismo, de realismo, de morrer tísico, de varar madrugadas ao unísono canto das musas, monocórdico e esvaziado de sentidos, nada de inspiração e sim tudo de uma corrente então muito vibrante que, emergente, fazia frente aos olhos fitos da desilusão



da criação artística. A matéria principal do poeta é o Tempo, se não, Heidegger não conseguiria tanta poética em seus textos absolutamente racionais. Quando na mesma primeira antologia, mais precisamente no último dos livros que agrega, "José", o primeiro poema deste nos desloca no espaço psicológico deixando-nos ilhados em uma varanda estreita de um apartamento perdido no centro de um grande qualquer cidade, tendo uma bruxa, animal, não entidade, como único consolo, único alimento de vida pulsante ("Certo não é vida humana, /mas, é vida"), assim como o corvo de Poe nos umbrais repetindo, feito martelo batendo ritmado sobre bigorna: "Nunca mais, nunca mais".

Sendo a bruxa a desilusão dentro das grandes cidades de, hoje bem mais, "dois milhões de habitantes!", quando bastava um amigo sensível que soubesse dar ênfase aos versos de Horácio, para por fim àquela solidão, logo o segundo poema, "O Boi", distancia da temática urbana, jogando o leitor na rural e, automaticamente, cumprindo o tácito compromisso de todos os artistas, poucos são exceção, de justificar aquele Brasil miserável através da força da beleza das palavras, mesmo que mintam ao descrever de forma tão pura o mais cruel dos sacrifícios. Mas, o poema mescla rural e urbano, alternando, tentando criar um paralelo entre o homem e o animal, entre o campo e a metrópole. Outro indício desse comprometimento político com o "Novo Brasil", encontra-se no mesmo livro "José", no poema "Edifício Esplendor", explícita homenagem a um dos idealizadores de Brasília. Seguramente não Lúcio Costa e sim Niemeyer. Era um período estranho, esquisito ao extremo, porque os homens, mesmo que não tivessem partidos políticos, como nunca o quis Drummond, partiam-se ante plurais ideologias.

O verso "E agora, José?", de certa forma parafraseado em "Pedro Pedreiro", de Chico Buarque, atinge o clímax do regionalismo e da saudação do povo nordestino. Isso não é demérito para Drummond e sim para quem nunca o soube ler, porque enquanto uns exercem, diria Caetano, "seus podres poderes", outros lêem com máxima atenção o sentimento prescrito pelo poeta, qual médico louco, em cada sub-ítem. E, só para complementar quanto à popularidade de Drummond e a apropriação indébita de seus versos pelas músicas popular e erudita brasileiras – posto que, como aqui já foi firmado, até Villa-Lobos bebeu nessa fonte murmurante –, vale ressaltar que tradução mais feliz coube a Jards Macalé quando da apropriação do primeiro poema do primeiro livro, respectivamente, "Poema de Sete Faces", de "Alguma Poesia" que, na antologia de 1948 abarca o período de 1925 a 30, enquanto na Aguilar, de 1923 a 30 (é bom lembrar que a citada edição da Aguilar foi, como



acima encontra-se escrito, “revista e modificada” mas, no que diz respeito ao primeiro poema de “Alguma Poesia”, nas três citadas publicações não há qualquer controvérsia). O poema de Drummond diz: “Quando nasci, um anjo torto/desses que vivem na sombra/disse: Vai, Carlos” se gauche na vida”. A canção de Macalé exclama: “Quando eu nasci um anjo torto,/Um anjo louco, muito louco,/Veio ler a minha mão./Não era um anjo barroco,/Era um anjo muito rouco, louco, solto, rouco,/Com asas de avião, ão, ããão./E eis que o anjo me disse,/Apertando a minha mão,/Entre sorriso de dentes,/Vai, bicho” desafinar/o coro dos contentes./Vá, bicho” desafinar/o coro dos contentes./Let’s play that,/Let’s play That,/Let’s play That...”. E quanto à erótica, nem Barbara Heliodora sabe. Talvez, Marília... a de Dirceu, por certo.



